

O CONCEITO DE ALTERIDADE EM FEUERBACH

THE CONCEPT OF ALTERITY IN FEUERBACH*

FABIANO VELIQ**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS, BRASIL

Resumo: O presente artigo tem como objetivo propor uma conceituação do conceito de alteridade no pensamento de Ludwig Feuerbach. A questão da alteridade constitui um dos pontos medulares no pensamento de Feuerbach. Podemos dizer que ele coloca a alteridade como foco indo na contramão de uma filosofia do sujeito proposta por grande parte a filosofia ocidental que culmina em Hegel e propondo uma filosofia da alteridade que terá grandes expoentes posteriores, tais como Martin Buber e Levinas. Dessa forma, nosso trabalho visa a explicitar tal conceito de alteridade em Feuerbach e mostrar o alcance da sua proposta na contemporaneidade.

Palavras-chave: Alteridade. Deus. Religião. Homem.

Abstract: This article aims to propose a conceptualization of the concept of otherness in Ludwig Feuerbach's thought. The question of otherness is one of the central points in Feuerbach's thought. We can say that he puts alterity as a focus going against a philosophy of the subject proposed by the western philosophy that culminates in Hegel and proposing a philosophy of alterity that will have great later exponents, such as Martin Buber and Levinas. In this way, our work aims to explain this concept of alterity in Feuerbach and show the scope of his proposal in contemporary times.

Keywords: Otherness. God. Religion. Man.

* Artigo recebido em 13/08/2018 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 30/11/2018.

** Doutor em Psicanálise pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3529545789104989>. E-mail: veliqs@gmail.com.

Ludwig Andreas Feuerbach foi um filósofo alemão que teve como seu principal objetivo analisar a religião de seu tempo, a saber, o cristianismo. Ele mesmo afirma que “Deus foi meu primeiro pensamento; a razão, o segundo; o homem, o terceiro e último.”¹

Por meio dessa colocação, podem perceber-se os principais períodos do pensamento feuerbachiano. Primeiramente, o filósofo se ocupa da reflexão sobre Deus como estudante de teologia em Heidelberg, onde mantém contato com o teólogo hegeliano Karl Daub. Tempos depois, ele se dirige a Berlin, onde é aluno de Hegel, etapa que corresponderia ao segundo momento de seu pensamento, a saber, a razão. No final de sua vida, afasta-se do hegelianismo e assume uma postura materialista, formulando uma filosofia da religião que se distanciará bastante da proposta de Hegel.

Nas *Preleções sobre a essência da religião*, Feuerbach afirma que há dois tipos de religião, a saber, as religiões da natureza, cujo Deus seria apenas a natureza vista como algo divinizado, e as religiões do espírito, cujo Deus seria apenas a essência do homem objetivada. Para ele o cristianismo se encontra nesse segundo tipo, e as religiões politeístas no primeiro tipo. No entanto, ambas se fundam na separação entre a essência do homem e a essência de Deus.

Segundo Feuerbach,

O sentimento que impele o homem à adoração de um objeto pressupõe que esse objeto não seja insensível a essa adoração, portanto que tenha sentimento, que tenha um coração humano sensível aos interesses humanos. (...) Mas o que transforma uma entidade natural num ser humano? A fantasia, a imaginação²

É a imaginação que cria os deuses dos homens. O filósofo considera que palavra *deus* não indica um ser, mas é um nome genérico dado a tudo que pareça divino ao homem à luz da fantasia. Por isso qualquer coisa pode ser objeto de adoração religiosa. Ele equipara Deus à adoração religiosa porque, para Feuerbach, não existe outra característica da divindade a não ser a adoração religiosa. “Um deus é o que é adorado. Mas um objeto só é adorado quando e enquanto for uma entidade, um objeto da fantasia ou da imaginação.”³

Dessa forma, qualquer objeto pode ser adorado pelo homem como se fosse Deus, isto é, adorado pelo homem de maneira religiosa. Esse estágio é chamado, pelo filósofo, de *feitichismo*. Esse último surge quando são transformados em deuses, sem qualquer crítica ou

¹ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião* In SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. 1994, p.19.

² FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. 1989, p. 151.

³ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. 1989, p. 151.

distinção, todos os objetos e coisas possíveis, sejam artificiais ou naturais, produtos da natureza ou do homem. A razão disso é a fantasia. Em relação a isso, Feuerbach considera que a imaginação do homem é tanto mais forte quanto mais ignorante o homem é. Por não conhecer o que uma coisa é, o indivíduo atribui a ela um valor maior do que o real. “Por isso, a causa ou a fonte teórica da religião e de seu objeto, Deus, é a fantasia, a imaginação.”⁴

Segundo o próprio Feuerbach, “esse poder da fé ou de Deus que não se prende a nenhuma lei natural é exatamente o poder da imaginação.”⁵ O poder da fé é o poder da imaginação, da fantasia. A fé acredita em milagres, não se prende à natureza, ela é livre e ilimitada, crê que tudo é possível para Deus. Assim como a fé, a fantasia também é a certeza de coisas que não vemos. “A imaginação só se ocupa com coisas e seres que não estão mais ou ainda não estão ou simplesmente não estão presentes.”⁶ Assim, se a fé é imaginação, e como Deus seria encontrado apenas mediante a fé, Deus é, portanto, fruto da imaginação humana. Como conclui Feuerbach, Deus é um ser imaginário, uma entidade da fantasia. A fantasia, por sua vez, é a forma, a essência ou o órgão da poesia. Logo, pode-se também dizer que a religião é poesia, e que Deus é um ser poético. E, segundo o filósofo, é nesse ponto que a crítica à religião deve residir.

Só combato a religião enquanto ela não é poesia, mas sim uma prosa vulgar. Com isto chegamos agora a uma restrição essencial da frase: religião é poesia. Sim, ela é, mas com a diferença da poesia, da arte em geral, que a arte não toma suas criações por coisas que não são, mas simplesmente por criações da arte; mas a religião considera suas entidades fictícias como entidades reais.⁷

Essa é a diferença entre arte e religião. Ambas criam imagens, mas o homem se ilude na religião, conferindo realidade a uma forma de arte. Isso é assim porque a religião permite que suas imagens sejam úteis aos indivíduos, ajudando-os na dificuldade. No entanto, só o homem pode ajudar o homem. Somente ele pode ter sentimentos humanos diante das dificuldades humanas.

Para Feuerbach, a religião teria sua base no anseio de felicidade. Ele parte do pressuposto aristotélico de que todo homem quer ser feliz e, por isso, cria deuses,

⁴ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. 1989, p. 152.

⁵ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. 1989, p. 152.

⁶ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. 1989, p. 152.

⁷ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. 1989, p. 154.

objetivando sua essência para além de si, satisfazendo assim seu desejo de felicidade. Segundo Feuerbach,

Os deuses são os desejos do homem pensados como reais transformados em entidades reais. Um Deus é a ânsia de felicidade do homem satisfeita na fantasia. Se o homem não tivesse desejos, não teria religião nem deuses, apesar da fantasia e do sentimento⁸

Pode-se notar que a redução proposta por Feuerbach, em *A essência do Cristianismo*, é retomada nas *Preleções* de uma forma mais contundente, e é nesse texto que ele deixa claro o seu objetivo:

Interessa-me acima de tudo, e sempre me interessou iluminar a obscura essência da religião com a luz da razão para que finalmente os homens parem de ser explorados, para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade que, como sempre, servem-se até hoje da nebulosidade da religião para a opressão do homem. Minha intenção era mostrar que os poderes diante dos quais o homem se curva e os quais teme na religião, diante dos quais ele não se intimida nem mesmo de praticar sangrentos sacrifícios humanos a fim de aplacá-los são apenas criações de sua própria afetividade servil e medrosa. Mostrar que um ser distinto dele próprio é sua própria essência, para que o homem, uma vez que é sempre dominado inconscientemente por ela, faça no futuro conscientemente sua própria essência, isto é, faça da essência humana, a lei, o fundamento, a meta e o critério de sua moral e de sua política. Exatamente esse intuito, ou seja, o conhecimento da religião para a promoção da liberdade humana, da autonomia, do amor, determinou também toda a extensão de minha abordagem histórica da religião. A meta de minhas obras assim como de minhas preleções é: tornar os homens de teólogos, antropólogos, de teófilos, filantropos, de candidatos do além, estudantes do aquém, de servos religiosos e políticos da monarquia e da aristocracia terrestre e celeste, cidadãos da terra, livres e conscientes.⁹

Percebe-se que há um caráter social indicado no pensamento do filósofo, pois, para ele, a partir da crítica da religião, o ser humano poderia se libertar das amarras que o prendem e poderia novamente amar a terra e se desenvolver independente da coerção trazida pela religião. Uma vez que a religião tem um fim prático, isto é, trazer a natureza para a mão dos indivíduos, transformá-la em algo domável, manipulável pelo instinto de conservação deles, cabe ao homem desprender-se desse universo metafísico e entender a natureza como a base da religião.

⁸ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. 1989, p. 168.

⁹ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. 1989, p. 28.

A dependência que o homem tem da natureza é a base e o início da religião, mas a libertação dessa dependência tanto no sentido racional como no irracional é a libertação dessa dependência. A divindade da natureza é a base da religião, a divindade do homem é a meta da religião.¹⁰

Feuerbach coloca-se, portanto, como arauto dessa meta da religião. Em seus escritos, ele procura mostrar que a religião nada mais é que a essência do homem divinizada. Assim, o que deve receber a primazia é o homem e não Deus. No final das *Preleções*, ele deixa claro sua esperança ao dizer que

Um dia os homens conhecerão a arte de serem morais e felizes sem um Deus. Só então serão verdadeiramente morais e felizes, quando não tiverem mais nenhum Deus e não necessitarem mais de nenhuma religião; porque só enquanto uma arte ainda incompleta, que ainda está de fraldas, necessita ela de proteção religiosa¹¹

Para Feuerbach, portanto, o homem, à medida que conhecesse sua essência, afastar-se-ia das sombras da religião e caminharia livre rumo a sua felicidade. Se ainda não o fez, é porque ainda não tomou consciência dos fatos, e ainda precisa da religião para ampará-lo diante do mundo.

A crítica à religião proposta por Feuerbach abre para a possibilidade de se pensar a alteridade do homem para o homem. Não mais a relação homem-Deus, mas agora entre homem-homem.

Um dos elementos que Feuerbach critica no *cristianismo* é o *distanciamento do homem concreto* e dotado de sensibilidade em prol de uma vida eterna, que acaba levando o homem a se afastar dos outros homens. Na filosofia, isso se traduziria em um filosofar demasiado *especulativo*, distanciado da concretude, do ponto de vista de Feuerbach. A “*filosofia do futuro*”, fruto da “*reforma na filosofia*” proposta por Feuerbach é uma tentativa de *ruptura* com a filosofia anterior a sua própria, a qual culmina em Hegel¹², como forma de se *resgatar o aspecto comunitário e sensível do homem*.

Neste sentido, a questão da alteridade constitui um dos pontos medulares no pensamento de Feuerbach. Podemos dizer que ele coloca a alteridade como foco indo na contramão de uma filosofia do sujeito proposta por grande parte a filosofia ocidental que

¹⁰ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. 1989, p. 174.

¹¹ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. 1989, p. 179.

¹² GONZÁLEZ. “Notas sobre la Alteridad em Feuerbach”, p. 117.

culmina em Hegel e propondo uma filosofia da alteridade que terá grandes expoentes posteriores, tais como Martin Buber e Levinas.

Segundo González, a alteridade constitui problema central no pensamento de Feuerbach. O problema do outro, todavia, é tratado em seus escritos de modo assistemático (assim como o da sensibilidade). Além disso, o tema é menos destacado em sua obra do que a famosa crítica da religião. A alteridade, em Feuerbach, é dotada de caráter sensível: ter algo por objeto é, ao mesmo tempo, ser objeto para o outro. A relação com a alteridade, desse modo, tem início com o surgimento da realidade *objetal*¹³. Isso nos remete a uma consideração de Feuerbach: a de que o eu só existe em relação a um tu¹⁴.

Feuerbach, em seu livro “Princípios da filosofia do futuro” propõe uma filosofia que não se atém mais apenas ao sujeito cognoscente, mas buscando uma relação entre um “eu” e um “tu” que se apresenta a este sujeito de forma primeira e não como fruto de reflexão. Feuerbach no referido livro, não pretende se filiar nem ao naturalismo, nem ao subjetivismo, nem ao idealismo absoluto, mas antes quer uma filosofia que manterá a vinculação e a diferença entre sujeito e objeto.

Nos escritos de “reforma da filosofia”, há uma mistura de *antropologia, filosofia da natureza e ontologia (do sensível)*. O neohegeliano de esquerda quer superar a dualidade entre o entendimento sensível e o pensamento puro¹⁵. O ser, para o pensador, não é um conceito formal, é concreto e sensível, existindo independentemente do pensamento e da linguagem: a afecção precede o pensamento e antes de pensar na qualidade, ela é sentida¹⁶. Nas palavras de Feuerbach. “Um ser sem afecção é um ser sem ser. Mas um ser sem afecção nada mais é do que um ser sem sensibilidade, sem matéria¹⁷.”

Para ele, todo pensamento precisa de um objeto, e por isso é impossível reduzir os objetos a meros conteúdos da consciência, pois estamos diante de uma vinculação essencial entre os dois termos.

Se de fato a relação é esta como Feuerbach propõe, surge imediatamente a pergunta sobre qual seria o ponto de intercessão entre sujeito e objeto que permite falar tanto de uma

¹³ GONZÁLEZ. “Notas sobre la Alteridad em Feuerbach”, pp. 124-126. Esse tema pode ser base para um diálogo fecundo com a psicanálise (respeitadas as devidas peculiaridades das duas formas de racionalidade), posto que Freud fora leitor de Feuerbach em sua juventude e apresenta idéias semelhantes, por exemplo, em textos como: FREUD. *Projeto de uma psicologia*; FREUD. “*On Narcissism*”, pp. 399-411.

¹⁴ CABADA CASTRO. “El Hombre como Centro del Pensamiento de Feuerbach”, pp. 13-14.

¹⁵ FEUERBACH. *Aportes para la crítica de Hegel*, p. 42.

¹⁶ FEUERBACH. *Teses provisórias para uma reforma da filosofia*, p. 25.

¹⁷ FEUERBACH. *Teses provisórias para uma reforma da filosofia*, p. 27.

vinculação essencial como de uma alteridade, e para ele, a resposta a esta pergunta se encontra na sensibilidade. É ela, e não o pensamento que funda a constitutiva vinculação a um objeto. Como aponta González “Feuerbach propõe o que podemos chamar de uma fenomenologia da sensibilidade”.¹⁸

A *sensibilidade*, é bom ressaltar, diz respeito à *globalidade* dos *sentidos* (visão, olfato, entre outros). Trata-se de um movimento de abertura para o mundo que consiste em um processo recíproco: há um sair fora de si, mas também o mundo entra no ser humano pela via do *corpo*.

Para Feuerbach um erro fundamental de Hegel foi a separação entre pensamento em relação ao seu sujeito real. A filosofia do futuro proposta por Feuerbach deverá mostrar como que na realidade todo pensamento está e permanece unido à sensibilidade concreta do homem.

A sensibilidade não é uma mera negação da idéia ou do pensamento, mas simplesmente uma chamada de atenção sobre suas raízes sensíveis. O pensamento sozinho apenas se identifica a si mesmo, mas, se mantém a vinculação entre si e os sentidos, o pensamento alcançará a verdade das coisas.

Feuerbach quer propor que o que é evidente ao homem é o que é dado pelos sentidos, mas sem cair em um empirismo. O que tem em vista é propor que a imediatez dos sentidos é o princípio e origem de todo conhecimento, e a tarefa da razão é aprofundar no sensivelmente dado a partir do sensivelmente dado.

Esta proposta feuerbachiana tem grande relevância para a idéia de realidade, pois as distinções metafísicas não são distinções entre dois mundos, mas distinções no âmbito da sensibilidade mesmo. Feuerbach defende uma unidade profunda de todo real. Esta unidade não consiste em uma comunidade conceptiva das coisas em virtude do mais universal dos predicados do ser, mas sim em seu caráter de realidade sensível. Feuerbach quer pensar o mundo real a partir da sensibilidade, afinal, é na sensibilidade que se dá primeiramente a realidade das coisas, é onde a realidade tem uma verdade anterior à razão. Feuerbach propõe que a sensibilidade do homem é diferente da sensibilidade do animal, pois o que diferencia o homem do animal é a universalidade, e esta universalidade é dada pelos sentidos. O homem é um ser aberto e universal e só nele é possível falar em gênero, enquanto nos animais falamos apenas de espécies.

¹⁸ GONZÁLEZ, Antonio. *Notas sobre La alteridad en Feuerbach*. Revista Pensamiento Vol 49, número 193 p. 125

Feuerbach fala de uma alteridade própria da razão. Mas esta alteridade só tem sentido na medida em que a razão está constitutivamente unida à sensibilidade. Para ele, o pensamento à parte do sentido não seria na realidade capaz de sair de si mesmo. Por isso, a unidade entre pensamento e sensibilidade é tão importante. Somente com esta síntese é possível alcançar a realidade das coisas. A sensibilidade em Feuerbach adquire um caráter de “sensibilidade intelectual”, sendo esta baseada na universalidade dos sentidos dos homens que diferem dos animais.

Esta idéia de gênero adquire um aspecto importante em Feuerbach uma vez que pode ser entendido como aquilo que constitui uma vinculação interhumana, a designação de uma socialidade constitutiva, e não como gênero natural ou biológico. Ele se constitui como tentativa de compreender a continuidade e a historicidade dos vínculos humanos de uma forma não naturalista. É na pertença a tal “gênero” que é possível ao ser humano se identificar-se e se diferenciar-se no outro.

O objeto é real para a sensibilidade. Só há objeto quando o sujeito sensível se encontra limitado, encontra uma resistência. Esta alteridade é algo constitutivo e próprio de toda inteligência sensível.

Outro aspecto que merece destaque é pensar a sensibilidade, e não a razão, enquanto o que diferencia o homem do animal. Soma-se à sensibilidade a capacidade de se universalizar mediante os sentidos no homem, o que se traduz na idéia de gênero, conforme explica Zilles:

A essência do homem não só se atualiza no encontro do eu com o tu, mas na totalidade da humanidade, da espécie humana: o outro é o representante da espécie. Através do tu o olhar se abre para a humanidade, pois no outro tenho consciência da humanidade. A espécie é, para Feuerbach, o homem pleno. Por isso a medida da espécie é a medida absoluta, lei e critério do homem. O homem assim concebido ocupa o lugar do absoluto em Hegel¹⁹.

A noção de gênero, enraizada na sensibilidade, é importante entrelaçamento entre essa categoria e a alteridade (ou, numa linguagem feuerbachiana, a relação eu-tu), pois nela se explicita a idéia da humanidade enquanto comunidade de homens na qual o verdadeiro potencial da humanidade (infinito, para o filósofo) é revelado.

¹⁹ ZILLES. *Filosofia da religião*, p. 106. Ver também: FEUERBACH. *A essência do cristianismo*, pp. 35-60.

A essência do homem, para o filósofo está na comunidade e na união do homem com o homem, fundada na distinção eu/tu²⁰, a qual representa a unidade da espécie e a supressão do pensamento individual. O homem se constitui física e psicologicamente pelo diálogo com outros homens, sendo o diálogo que faz surgirem as idéias. O critério de verdade mais adequado passa a ser a alteridade e o diálogo²¹. Diz o autor: “Só os seres sensíveis agem uns sobre os outros. Eu sou eu – para mim – e ao mesmo tempo tu – para outrem. Mas só o sou enquanto ser sensível (...) o que eu penso sem a sensibilidade penso-o sem e fora de toda a conexão²².” Outro trecho dos Princípios ilustra a situação:

Quem pode ao mesmo tempo observar as diferenças que existem entre os cumes e os abismos da Lua e as diferenças que existem entre as inúmeras amonitas e terebrátulas? Mas o que o homem isolado não sabe nem pode sabem-no e podem os homens em conjunto. Assim, o saber divino que conhece *ao mesmo tempo* todas as singularidades tem a sua realidade no saber da espécie²³.

O pensamento é transmitido a um outro, de modo que uma escrita séria é aquela em que se tenha uma intenção de comunicar ao outro –algo que Feuerbach cumpria, pois escrevia com grande clareza, ainda que sua argumentação não fosse das mais rigorosas, possivelmente em decorrência de seu estilo aforístico e contundente (o que pode gerar certas obscuridades). O pensamento não pertence apenas ao “eu”, nem ao “tu”, mas ao “nós”, da mesma forma que a dialética consiste não em monólogo especulativo, mas em diálogo entre a especulação e o empírico²⁴. A verdade só é descoberta nesse encontro entre eu e tu²⁵. Como diz o autor em um de seus célebres aforismos: “A verdadeira dialética não é um monólogo do pensador solitário consigo mesmo, é um diálogo entre o eu e o tu.”²⁶

Como afirma González, para Feuerbach, “é no sentir que aparece justamente esse ponto de interseção que é ao mesmo tempo sujeito e objeto, porque, propriamente, não é nem o uno nem o outro, mas sua unidade radical, sua origem e ao mesmo tempo sua diferença insuperável”²⁷. Esta distinção em Feuerbach é anterior à distinção entre sujeito e

²⁰ FEUERBACH. *Princípios da filosofia do futuro*, p. 99.

²¹ GONZÁLEZ. “Notas sobre la Alteridad em Feuerbach”, pp. 127-130.

²² FEUERBACH. *Princípios da filosofia do futuro*, p. 80.

²³ FEUERBACH. *Princípios da filosofia do futuro*, p. 49 (grifo do autor).

²⁴ FEUERBACH. *Aportes para la crítica de Hegel*, pp. 27-38.

²⁵ CASTILLA y CORTÁZAR. “Feuerbach: la Autonomía de la Antropología Filosófica”, pp. 279-280. Ver também FEUERBACH. *Aportes para la crítica de Hegel*, pp. 27-38.

²⁶ FEUERBACH. *Princípios da filosofia do futuro*, p. 99. (grifo do autor).

²⁷ GONZÁLEZ, Antonio. Notas sobre La alteridad em Feuerbach. Revista Pensamiento Vol 49, número 193 p. 125

objeto. A alteridade não é algo unidirecional. Ter algo como objeto é ser objeto para outro. Esta resistência é vivida como alter ego.

Para Feuerbach, a alteridade humana surge no mesmo momento em que surge a realidade do objeto. Por isso que não se pode falar de uma alteridade da coisa antes de uma alteridade do sujeito nem o contrário, mas uma congeneidade de ambas. Na filosofia de Feuerbach o outro como pessoa e como coisa são congêneres, não no sentido de uma indiferença, mas no sentido de uma alteridade radical que se fundam modos próprios.

Esta alteridade não é somente alteridade no conhecimento científico das coisas materiais, mas também o encontro pessoal com outros homens. Esta alteridade pessoal não é um modo derivado de uma alteridade “das coisas”, que seria primeira, pois não se trata como em outras filosofias de descobrir primeiro o outro como objeto e depois por um raciocínio por analogia a partir de seu corpo, deduzir a presença de um “outro”. Aqui temos uma alteridade primogênita que se desdobra em uma alteridade de coisas e uma alteridade de pessoas. Isto não significa que tenhamos nos sentidos uma intuição plena do outro, pois os sentidos são apenas o princípio do conhecimento. Mas só a partir dos sentidos ascedemos à realidade profunda do outro, e daí culmina no amor. O que sucede é que o amor, como desdobramento da alteridade primordial exemplifica o dito sobre a alteridade em geral. Nele a diferença entre sujeito e objeto é insuperável, pois é justamente o interesse do amor essa unidade que mantém a diferença, mas nela a reconhece como a essência mesma do ato de amor. O amor então quer a realidade, mas quer no sentido antes dito como realidade sensível e como realidade outra. Por isso o amor também é critério de realidade.

De outro modo, a alteridade pessoa e a alteridade “das coisas” não são simplesmente dois modos independentes de uma alteridade primeira, mas constitui tanto física como psiquicamente a partir dos outros homens. E é primeiramente a conversação e não o monólogo de onde surgem as idéias. Para Feuerbach o critério último de verdade não é o monólogo perfeitamente sistematizado mas a alteridade de outras pessoas no diálogo. Por esta origem do sujeito cognoscente na alteridade interpessoal e por esta referência constitutiva de toda objetividade sobre coisas a uma objetividade entre pessoas é que Feuerbach pode dizer que o objeto principal dos sentidos humanos é o homem mesmo.

É, portanto, na alteridade sensível que se ancora o núcleo da alternativa filosófica de Feuerbach. A crítica de Feuerbach à filosofia da subjetividade se ancora no fato que, para ele, a filosofia absoluta da identidade distorceu radicalmente o ponto de vista da verdade. O ponto de vista natural do homem, o ponto de vista da distinção entre eu e tu, sujeito e objeto.

Feuerbach nos fala de objeto, mas o objeto mesmo não se identifica com “a coisa”, mas quer designar na realidade algo prévio tanto ao sujeito como ao objeto no sentido clássico: a alteridade fundamental em que a sensibilidade humana consiste, por isso que não é uma alternativa apelar à ideia de pessoa e dizer que primeiro está lá na constituição da própria existência e a pergunta pelo sentido e depois a abertura ao outro como sujeito. Em primeiro lugar, Feuerbach entende o outro como sujeito como um eu e não como uma coisa, sugerindo inclusive que antes da experiência das coisas está lá a experiência do eu. E em segundo lugar, para ele não se pode pretender primeiro uma constituição autônoma do eu para depois sair ao encontro de outros sujeitos pois aí não faríamos senão repetir todas as vias sem saída do subjetivismo postcartesiano: a alteridade é uma experiência fundamental anterior tanto à constituição do próprio eu como do outro. A ideia de pessoa em Feuerbach não pode ser entendida como tendo uma constituição anterior às suas relações, pois o outro não começa por ser um alter ego, mas o “eu” e o “tu” se constituem no âmbito prévio da alteridade sensível. Esta sensibilidade se constitui como um sentir ativo e transformador da natureza, não um mero gênero metafísico.

Como podemos notar o tema da alteridade em Feuerbach é de extrema importância para pensarmos sua filosofia e como vimos acima, é nela que está ancorada a possibilidade de pensar uma filosofia do amor a partir de uma comunicabilidade em Feuerbach. Podemos notar que o conceito de alteridade proposto por Feuerbach abre para uma perspectiva não narcísica do amor e traz consigo uma crítica muito atual de uma sociedade que fala continuamente do amor, mas está mergulhada no narcisismo.

A temática da alteridade se mostra, baseado no que discutimos acima, uma importante chave de leitura para a obra de Feuerbach. O autor trata, além desse tema, de outros importantes assuntos: a sensibilidade; o corpo; o homem como um ser relacional. Esses temas podem caracterizar Feuerbach mais como um pensador contemporâneo, “continental”, do que um pensador moderno – o que parece ser atestado por sua influência em autores como os “mestres da suspeita” (Nietzsche, Marx e Freud).

A complexa articulação entre sensibilidade, alteridade e crítica da religião é assunto que merece destaque e mais estudos. Podemos pensar, também, nos limites da concepção crítica da religião adotada por Feuerbach, que resulta na dissolução do Absoluto na imanência do homem.

REFERÊNCIAS

- CABADA CASTRO, M. El Hombre como Centro del Pensamiento de Feuerbach. **Pensamiento**, v. 36, n. 141, 1980, pp. 5-27.
- CASTILLA y CORTÁZAR, B. Feuerbach: la Autonomía de la Antropología Filosófica. **Pensamiento**, v. 55, n. 212, 1999, pp. 269-293.
- FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1989. 296 p.
- FEUERBACH, Ludwig. **Aportes para la crítica de Hegel**. Trad. Alfredo Llanos. Buenos Aires: Editorial la Pleyade, 1974.
- _____. **Necessidade de uma reforma da filosofia**. In. FEUERBACH. **Princípios da filosofia do futuro e outros escritos**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988, pp. 13-18.
- _____. **A essência do cristianismo**. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. 454 p.
- _____. Princípios da filosofia do futuro. In. FEUERBACH. **Princípios da filosofia do futuro e outros escritos**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988, pp. 37-100.
- _____. Teses provisórias para uma reforma da filosofia. In. FEUERBACH. **Princípios da filosofia do futuro e outros escritos**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988, pp. 19-35.
- FREUD, S. “On Narcissism”. Trad. Cecil M. Baines. In. FREUD, Sigmund. **The Major Works of Sigmund Freud**. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1978 (coleção Great Books, 54), pp. 399-411.
- GONZÁLEZ, Antonio. Notas sobre La alteridad en Feuerbach. **Pensamiento**, vol 49, número 193 pp. 117-130.
- SOUZA, Draiton Gonzaga de. **O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



VELIQ, Fabiano. O Conceito de alteridade em Feuerbach. **Synesis**, v. 12, n. 2, 2020. ISSN 1984-6754.
Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2038>
